

CENTRO DE ANÁLISE E ESTUDOS ESTRATÉGICOS

INFORMATIVO CONJUNTURAL

Nº49–Abril de 2009



SECRETARIA DE
ESTADO DE AGRICULTURA,
PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO



**SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO - SEAPA/MG**

Secretário de Estado
Gilman Viana Rodrigues

Secretário Adjunto
Paulo Afonso Romano

Superintendente de Economia Agrícola
João Ricardo Albanez

Centro de Análises e Estudos Estratégicos
José Kalil Salles

**EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL
DO ESTADO DE MINAS GERAIS - EMATER/MG**

Presidente
José Silva Soares

Diretor Técnico
José Ricardo Ramos Roseno

Editoração e Coordenação do Informativo
José Fernando N. Domingues

e-mails: detec.editoração@emater.mg.gov.br
ciagro@emater.mg.gov.br

Tel: (31) 3349 8087 - (31)3349 8182

ÍNDICE

COMENTÁRIO ECONÔMICO
PRODUTO INTERNO BRUTO DO AGRONEGÓCIO MINEIRO
BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO MINEIRO

ANÁLISE DE SAFRAS
ALGODÃO
CAFÉ
FEIJÃO
MILHO
SOJA
TOMATE
FRUTICULTURA

BOI GORDO
FRANGO E OVOS
SUINO
LEITE
PEIXE

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES
PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS NA CEASAMINAS

COMENTÁRIO ECONÔMICO

Everton Augusto P. Ferreira
E-mail: everton@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8061 Belo Horizonte MG

A reunião do G-20, com os líderes das principais nações desenvolvidas e emergentes, realizada neste início de abril, reforçou alguns consensos e desacordos entre os participantes. De concreto um anúncio de políticas fiscais coordenadas de incentivo ao consumo e investimentos envolvendo cifras que alcançam US\$ 1 trilhão, e alterações previstas para o funcionamento das instituições econômicas internacionais FMI e Banco Mundial.

Contudo, no mesmo encontro ficou mais claro que os mandatários não convergem quanto à configuração que o sistema financeiro internacional e sua regulamentação devam ter. Afinal as economias baseadas em serviços, tais como EUA e Inglaterra, temem em provocar a retração das relações econômicas em suas economias, por mais indisciplinadas e perigosas que sejam os fluxos de divisas ao redor do mundo. Os EUA, por exemplo, tem alto grau de dependência de investimentos externos em seus títulos da dívida pública e outros ativos financeiros, e teme que essa fonte reduza no caso de qualquer regulamentação mais restritiva. Afinal é o consumo desenfreado do mercado consumidor dos EUA, seja governo ou setor privado, baseado em crédito externo, que ali aportava, vindo de todo o mundo, que fez a demanda mundial por commodities se acelerar nos últimos oito anos, sustentando o crescimento mundial. O sucesso do passado recente está no centro das causas da atual crise, mas sair desse padrão está demandando riscos que as autoridades econômicas não estão certos de seguir.

O certo é que a solução sustentável da crise nas economias desenvolvidas possui apenas um futuro claro no curto prazo, mas ainda é “cinzento” no horizonte de 12 a 24 meses. Como mostrou a experiência japonesa dos anos 90, o risco é que os instrumentos de incentivo monetários (menores taxas de juros) e fiscal (maiores gastos do governo) não sejam eficientes na conquista de resultados pois os agentes econômicos (famílias e empresas), simplesmente deixam de consumir para solucionar suas dívidas, preferem reforçar suas poupanças pessoais (ou empresariais) e ou esbarram na saúde fiscal dos governos. O caso brasileiro, por exemplo, mostra que a redução do IPI que alcançou os setores automobilístico e de construção civil, não deve ser estendido a outros setores, sob risco de ameaçar o equilíbrio fiscal.

No lado real da economia os indicadores ainda exibem sinais que variam entre o declínio acentuado de alguns setores com pequenas reações de outros, ao passo que a inflação dá sinais de menor aceleração. No setor agrícola, o menor volume de investimentos previsto para 2009 e as perspectivas menos otimistas para os preços e exportações, vem imprimindo um tom pessimista para o PIB do setor. E nesse ponto específico, até o momento, as políticas fiscais de incentivo não lograram benesses concedidas a outros setores. Basta lembrar que a redução do IPI sobre o setor automobilístico não atingiu o ramo de máquinas e equipamentos agrícolas (embora não falte promessas do Governo Federal).

PIB DO AGRONEGÓCIO MINEIRO – JANEIRO DE 2009

João Paulo Braga
E-mail: joao.braga@agricultura.mg.gov.br
Tel: (31) 3215-6548

O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (CEPEA/USP) divulgou neste mês de março os números do PIB do agronegócio mineiro referentes ao mês de janeiro de 2009. O estudo é realizado com o patrocínio da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SEAPA/MG) e da Federação de Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (FAEMG). Os números divulgados confirmam os impactos negativos da crise sobre o agronegócio estadual. O PIB do agronegócio mineiro iniciou o ano de 2009 com o valor

estimado de R\$ 94,2 bilhões, dos quais 49,9% são provenientes da agricultura e 50,1% provenientes da pecuária. Em janeiro de 2009 o PIB do agronegócio mineiro apresentou uma retração de 0,25%. O PIB da agricultura retraiu 0,15% e o da pecuária retraiu 0,34%. O recuo decorre, além de uma diminuição na produção de alguns produtos, de uma queda generalizada nos preços praticados em relação aos patamares de janeiro de 2008.

Tanto do ponto de vista da agricultura como da pecuária, o setor que mais contribuiu para uma retração da renda foi o básico. As atividades dentro da porteira – como também pode ser chamado este setor – começam o ano com perspectivas pouco animadoras, sobretudo, em razão da queda dos preços dos produtos em relação ao final de 2008. Em janeiro, o conjunto de atividades do segmento básico registrou retração de 1,05%. As atividades agrícolas recuaram 2,18% e as da pecuária, 0,54%. Há ainda, na agricultura, projeções de queda na produção de alguns importantes produtos como o café, o milho e o algodão. Na Pecuária, o recuo reflete a queda acentuada de preços do leite, ovos, aves e suínos.

Ao contrário do segmento básico, o segmento dos insumos apresentou alta em janeiro de 2009, verificada tanto nos insumos da agricultura quanto nos da pecuária. O crescimento foi de 0,74%. No agronegócio da pecuária a expansão foi de 0,18% e só não foi maior porque os preços de alimentos para animais estão em queda. Na agricultura a expansão foi de 1,26%.

As atividades da indústria também apresentaram expansão no mês de janeiro, apesar da crise. A expansão foi de 0,85% nas atividades de base agrícola e 0,34% nas de base pecuária. Na agricultura, o número positivo reflete a expectativa de expansão da indústria do açúcar e álcool para esse ano, com crescimento em volume e preços. Na indústria animal, os preços reais estão em declínio no segmento lácteo e em ascensão no segmento de carnes.

O segmento de distribuição, acompanhando o segmento básico, recuou em janeiro. A retração foi de 0,15%. Na agricultura, a retração foi de 0,03% e na pecuária, a queda foi de 0,28%.

Assim, ao consolidar os números de janeiro, a participação dos quatro segmentos na composição do PIB do agronegócio mineiro apresentou os seguintes resultados: 8,0% relativos ao setor de insumos; 40,2% do segmento básico; 22,1% do industrial e 29,7% do segmento de distribuição.

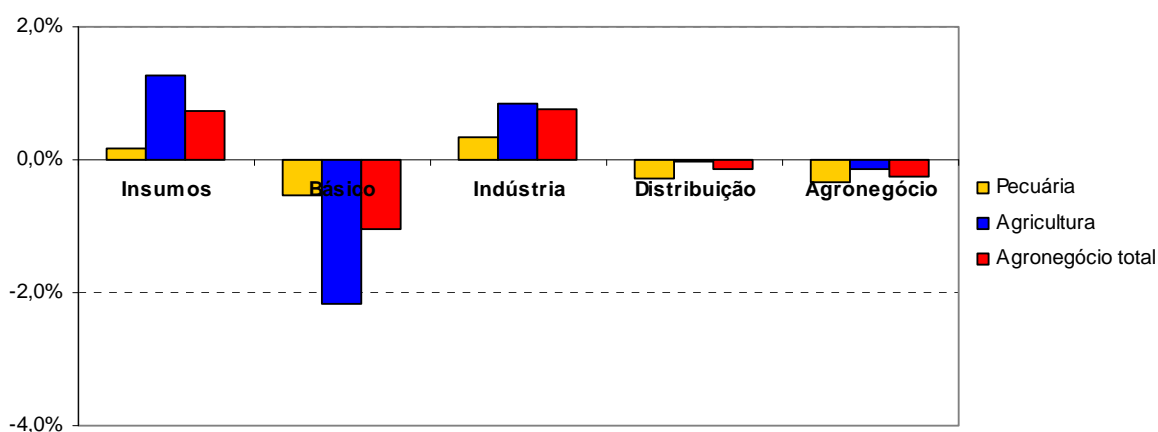


Figura 1 - Taxas de crescimento no mês de janeiro de 2009 (%)

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA.

BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO MINEIRO

João Paulo Braga

E-mail: joao.braga@agricultura.mg.gov.br

Tel: (31) 3215-6548

Quando o horizonte de análise é o longo prazo o cenário para as exportações do agronegócio do Brasil e de Minas Gerais é bastante promissor, apesar da crise. É certo que a demanda por alimentos continuará crescendo junto com a população mundial e também é certo que o Brasil dispõe de terras, base tecnológica e grande potencial de crescimento da produção para atender a essa demanda. No entanto, antes deste cenário de longo prazo estamos sujeitos às variações do curto e médio prazo e aos impactos da crise sobre o agronegócio de Minas Gerais.

Nos três primeiros meses deste ano as exportações do agronegócio nacional chegaram a US\$ 12,1 bilhões e as exportações do agronegócio mineiro totalizaram US\$ 1,2 bilhão. Parece certo que o ano de 2009 não será tão bom como o ano de 2008. Comparando os três primeiros meses do presente ano com os mesmos meses do ano passado vemos uma redução de 7,7% nos valores exportados pelo agronegócio nacional e uma redução de 2,9% nas exportações do agronegócio mineiro. Durante este ano, em termos de Brasil os valores das exportações do agronegócio apresentaram no último mês algum sinal de recuperação. Em março as exportações realizadas pelo agronegócio nacional foram 33,4% maiores do que em fevereiro. Em Minas Gerais, no mês de março, os valores exportados foram 2,4% menores do que em fevereiro.

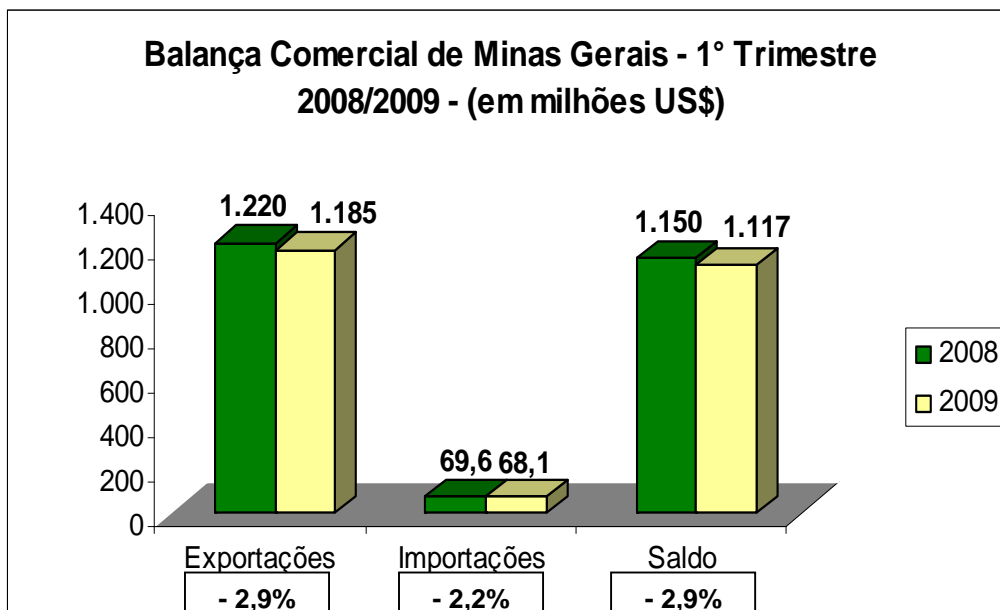
É interessante notar que a redução nos valores exportados pelo agronegócio mineiro tem origem na redução dos preços médios dos produtos exportados e não numa redução em termos de quantidade exportada. Isto comprova a tendência de contínua expansão da demanda global por alimentos. Quando se trata de toneladas exportadas, o agronegócio mineiro foi, no primeiro trimestre de 2009, 27,3% melhor que no primeiro trimestre de 2008. Dentre as principais cadeias produtivas, o café exporta 13,9% mais toneladas em 2009 do que em 2008; os lácteos 29,4% mais; as carnes 21,1%, e a soja 55,7% mais. Com relação ao preço médio das exportações, a queda mais significativa foi dos lácteos – exatamente 26,8%. O preço médio das exportações de café e das carnes se reduziu em 15,5%, ao passo que, o da soja ficou 6,8% menor.

Importações

Diante do cenário internacional as importações do agronegócio também se reduziram. As importações nacionais atingiram US\$ 2,3 bilhões em 2009, valor 19,1% menor do que o realizado nos três primeiros meses de 2008. As importações do agronegócio mineiro atingiram US\$ 68,1 milhões em 2009, reduzindo-se em 2,2% em relação a 2008.

Saldo Comercial

A crise também afetou negativamente o saldo comercial do agronegócio. Em comparação a 2008, o saldo comercial em 2009 é 4,4% menor para o agronegócio nacional e 2,9% menor para o agronegócio estadual. O saldo comercial do agronegócio nacional atingiu US\$ 9,7 bilhões em 2009. Já o saldo estadual chegou a US\$ 1,1 bilhão. O agronegócio mineiro responde, portanto, por 11,4% do saldo do agronegócio nacional.



Fonte: Elaboração SEAPA/ SPEA a partir de dados do MDIC/SECEX

ANÁLISE SAFRAS

José Fernando N. Domingues
E-mail: ciagro@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349.8287 Belo Horizonte MG

SAFRA BRASILEIRA

O clima e a boa distribuição das chuvas nas regiões produtoras do país nos últimos meses são os principais responsáveis pelo crescimento da safra atual de grãos, projetada agora pela Conab em 137,573 milhões de toneladas. A área plantada prevista é de 47,613 milhões de hectares.

O ciclo agrícola 2008/09 continua como o segundo melhor resultado da história do país, perdendo apenas para a colheita do período passado, de 144,13 milhões t. Uma das culturas com maior incremento desta edição é o milho, que saiu de 50,37 milhões t em fevereiro para 51,91 milhões t em março (+3,06%). A soja e o arroz também tiveram a produção reajustada para cima: a oleaginosa de 57,63 para 58,14 milhões t, e o cereal de 12,52 para 12,67 milhões t.

Percentualmente, é o feijão que segue como a lavoura de maior destaque. Enquanto outras culturas registram retração em relação ao ciclo passado, o feijão apresenta aumento de 8,2%. As três safras (das águas, da seca e de inverno) neste ano devem chegar a 3,81 milhões de toneladas, a maior já alcançada no país.

Mais de 65% dos grãos da safra de verão no Centro-Sul já foram colhidos, como milho, feijão, arroz e soja. O plantio da segunda safra nestas regiões está concluído. Fonte. Conab

Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - Produtos selecionados(*)

Local	Área (mil ha)		Var. %	Produção (mil t)		Var. %
	2007/08	2008/09		2007/08	2008/09	
Minas Gerais	2.830,9	2.809,6	-0,8	10.220,2	10.197,3	-0,2
Região Sudeste	4.824,0	4.802,0	-0,5	17.434,3	16.857,7	-3,3
Brasil	47.423,7	47.613,8	+0,4	144.127,4	137.573,9	-4,5

Fonte Conab - Levantamento: Abr/2009 - Elaboração Ciagro/Asmec/Emater-MG

(*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

SITUAÇÃO CLIMÁTICA NA REGIÃO SUDESTE

Durante o mês de março, as precipitações variaram muito na sua distribuição e regularidade nos principais estados produtores. Na região Sudeste, as precipitações ocorreram abaixo da média histórica, nas primeiras semanas de março, no norte de São Paulo, no Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste, em Minas Gerais, e, a partir da terceira semana, no sul paulista. Essa situação causou danos pontuais à floração e ou enchimento de grãos do algodão e do milho em Minas Gerais, e tem favorecido o aparecimento de pragas no feijão 2ª safra, em São Paulo. No entanto, as chuvas tem sido suficientes para garantir o bom desenvolvimento do feijão em Minas e uma perspectiva de boa produtividade para o milho 2ª safra, em toda a Região.

PLANTIO MILHO SAFRINHA

O plantio de milho da segunda safra ou safrinha no Brasil está chegando ao final com quase toda a área já plantada, o que deve acontecer no início de abril. Segundo Safras & Mercado, o plantio está dentro da normalidade, até antecipado em algumas localidades devido ao clima mais seco de março, que possibilitou um bom avanço na colheita da soja e uma seqüência de plantio no milho da safrinha. Nos principais estados produtores as lavouras estão em boas condições e com o solo mantendo a umidade necessária para as lavouras, com ótima condição de umidade do solo. A maior parte das lavouras está em fase de desenvolvimento vegetativo e algumas iniciando floração e pendoamento.

SAFRA AMERICANA

Os agricultores norte-americanos estão se preparando para plantar área recorde de soja, devendo ultrapassar a de milho pela primeira vez na história dos EUA. Para ganhar espaço os agricultores deverão empregar menos terra para o milho. A área de soja terá uma expansão de 4,5% e a área plantada com milho deve diminuir em 1,5%.

A demanda por milho está caindo, empurrando os preços para os níveis mais baixos de mais de dois anos. Já o custo da soja é 32% menor na comparação com o milho, segundo estudo da Universidade de Illinois. Outro motivo da retração da demanda norte-americana por milho é o recuo da produção pecuária e o colapso do crescimento do setor de etanol.

A produção mundial de grãos do período de 12 meses a encerrar-se em junho de 2010 deverá ser 3,4% inferior ao volume recorde do atual ano-safra, conforme divulgou o Conselho Internacional de Grãos no último dia 26 de março. O crescimento das reservas vai aparar os efeitos da queda, mantendo a oferta em seu nível mais alto de todos os tempos, disse o grupo.

DIMINUIR PRODUÇÃO, ALERTA ECONOMISTA

Para Guilherme Dias, considerado um dos maiores economistas brasileiros do setor agropecuário, professor da Universidade de São Paulo (USP) e atual consultor da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) o setor agropecuário deve ser cauteloso frente às incertezas geradas pela crise financeira internacional. De acordo com Guilherme Dias, tem sido acentuada a queda da atividade econômica nos países compradores de produtos agrícolas brasileiros, o que significa redução de renda e de consumo, com conseqüente queda de demanda por alimentos. Segundo o professor, nesse cenário, não tem sentido o Brasil aumentar a oferta, principalmente dos produtos de exportação. Não há nada que indique que se deva aventurar a produzir mais. Ao contrário, todo esse cenário mostra que se deve ser extremamente cautelosos, manter a oferta de alimentos para o mercado interno, mas oferecer menos para o mercado externo. Levando-se em consideração os estudos realizados até o momento, não se pode afirmar que a crise atingiu seu nível máximo e, com isso, as incertezas aumentam, analisa o economista.

Fontes: Conab, Agência Estado, Ministério da Agricultura e do Abastecimento, Gazeta Mercantil, DCI Diário Comércio Indústria, Agência Brasil, Agrolink, Safras & Mercado.

ALGODÃO

Reinaldo Nunes de Oliveira
E-mail: reinaldo.oliveira@emater.mg.gov.br
Tel.: (38) 3223-2130 Montes Claros MG

Segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Esalq/USP, os preços do algodão em pluma no mercado interno tem registrado as maiores baixas, desde 1996. De acordo com os dados do Cepea, o algodão em pluma fechou o final de março cotado em R\$ 1,1163 por libra peso, o que significa uma queda acumulada de 3,14%.

Para os pesquisadores do Cepea o recuo dos preços ao patamar tão baixo, se deve à restrição da demanda e excesso de oferta do produto pelos produtores com problema de caixa.

Para equilibrar o mercado, o Governo, através da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Algodão e Derivados, aprovou na 14ª reunião, em 18/03/09, a realização de leilões do Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro) que deve acontecer no mês de abril. Os leilões são utilizados pelo Governo como mecanismo legal para cobrir a diferença do preço mínimo de garantia do produto que é de R\$ 44,60 e o preço praticado no mercado, que atualmente gira em torno de R\$ 32,00 a arroba.

Desta forma o cenário, em curto prazo, não é muito favorável para os produtores de algodão, visto que os preços; mesmo sendo a comercialização feita via leilões do Pepro, não cobrem os custos de produção. Para garantir o mercado, os cotonicultores deverão rever as tecnologias de produção com vistas ao aumento da produtividade e o novo modelo de gestão baseado no associativismo, para redução dos custos de produção, que estão elevados devido ao aumento excessivo dos insumos.

Por outro lado, analistas mais otimistas, acreditam na recuperação dos preços do algodão, no médio prazo, principalmente com relação ao mercado interno onde as exportações das indústrias têxteis apresentaram significativa reação no mês de fevereiro, apesar da anunciada queda do consumo mundial do algodão e a redução acentuada das exportações dos Estados Unidos.

CAFÉ

Marcelo de Pádua Felipe
E-mail: mpfelipe@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-88149 Belo Horizonte MG

COTAÇÕES

FLUXO LENTO E OFERTA APERTADA

Ao longo do mês de março, o preço da bica dura de café arábica tipo 6,0, com bom aspecto e catação, trocou de mãos, oscilando **entre R\$ 258,00 e R\$ 272,00 (4,6%)** a saca de 60kg no Sul de Minas, fechando o período em R\$ 270,00.

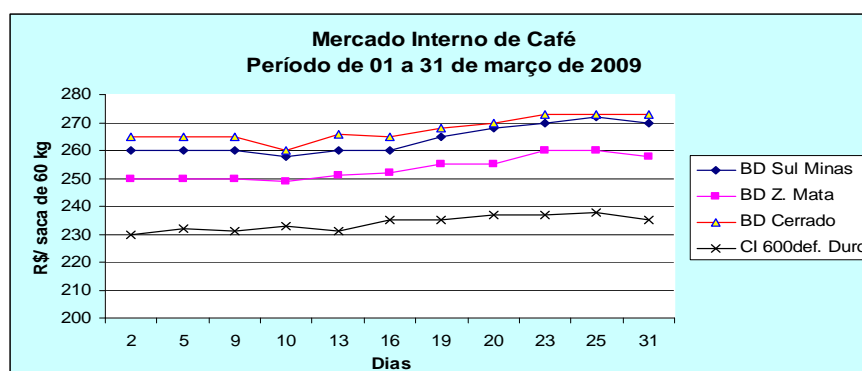
Operando com pequenas altas, e o físico praticamente estável durante todo o mês, o mercado de café mantém os produtores desanimados e insatisfeitos com as bases oferecidas, **“preços baixos”**, não estimulando investimentos para agregação de valor e incrementos na produção.

Para a ponta vendedora continua sendo inexplicável o comportamento das cotações, considerando que estamos vivenciando um cenário brasileiro de delicado equilíbrio entre estoque, produção e consumo, e esperando ainda colher uma safra inferior às necessidades de consumo e exportação.

Como formas de permanecer na atividade, determinados produtores têm centralizado atualmente suas ações **na mecanização**, uma vez que a mão-de-obra “escassa e cara”, principalmente na colheita, tem sido um dos vilões do custo de produção; **na certificação** buscando agregar valor ao produto objetivando a melhoria nos preços e **na aplicação de capital** em lavouras rentáveis.

De acordo com a OIC a safra mundial 2008/2009 foi revisada para baixo passando de 133,4 milhões de sacas para 127,8 milhões de sacas, e a expectativa para a safra mundial 2009/2010 será também de queda.

Enquanto aguardamos que o governo estabeleça uma política de renda **“alongamento da dívida por um prazo de 20 anos e abertura de leilões de compra visando formar estoque regulador”** que ampare o cafeicultor e, ao mesmo tempo, que não prejudique sua posição de maior exportador, países do continente africano, como a Etiópia, Uganda, Tanzânia e Quênia aproveitam a redução na oferta mundial e executam investimentos para elevar a sua produção nos próximos cinco anos.



Preços médios para cafés com bom aspecto e com catação de 10% a 20%, por saca de 60 kg.
Fonte: Safras & Mercado, CCVV, Gazeta Mercantil, Carvalhaes e Cooperativas de Cafeicultores.
Elaboração: Emater-MG

Tendência: Fluxo lento e oferta apertada diante da queda sazonal dos embarques brasileiros e recuo nas exportações da América Central e Colômbia.

A relação de troca entre os fertilizantes e a saca de 60kg de café continua desfavorável ao cafeicultor. Historicamente, três sacas de café compravam uma tonelada de fertilizantes, atualmente são necessárias acima de quatro sacas.

PODER DE TROCA DO CAFÉ

Sacas de café necessárias para adquirir 1,0 tonelada de fertilizante

Produto	Valor (R\$/t)	Poder de troca	Valor (US\$)
NPK 20-05-20	1.150,00	4,25	496,71
NPK 20-00-20	1.080,00	4,00	466,48
Uréia	965,00	3,57	416,81
Cloreto Potássio	1750,00	6,48	755,87

Base: Preço médio - Saca de café 270 - Dólar R\$ 2,3152 - Fonte: Emater-MG

No Sul de Minas Gerais, tendo como base os preços líquidos praticados pela Cooperativa dos Cafeicultores de Três Pontas – **Cocatrel**, apontam um deságio de R\$ 32,00 por saca de 60kg para o Café Rio/Consumo Interno no fechamento do mês de março. Confira na tabela a seguir:

DESÁGIOS – 31/03/2009

Café Rio/C. Interno (-32,00)	Café manchado (-5,00)
Café Riado (-10,00)	Café chuvado (-6,00)
Café Duro/ Riado/Rio (-15,00)	Café discrepante (-17,00)
Café com seca má (-10,00)	Café muito discr/barrento (-22,00)
Base - Dura/Melhor 60 defeitos R\$ 265,00	6 Base 80 defeitos R\$ 263,00
7 Base 160 defeitos R\$ 255,00	7 Base 270 defeitos R\$ 244,00
Café com mais de 270 defeitos, deságio de R\$ 1,00 a cada 10 defeitos	

Fonte: Cocatrel

Tendência: Ampliar o diferencial entre os cafés de qualidade e os de baixa qualidade.

COMERCIALIZAÇÃO

COMERCIALIZAÇÃO DA SAFRA 2008/2009 AVANÇA PARA 80%.

Segundo o levantamento realizado por Safras & Mercado junto a cooperativas, produtores e corretores chega-se ao final de fevereiro com cerca de 80% da produção comprometida (... dos

produtores para o mercado...). Isto representa um avanço de 4% em relação ao final de janeiro quando as vendas estavam em 76% da safra. Nesta temporada as vendas encontram-se 3% acima do total negociado em igual período do ano passado, quando os produtores haviam vendido 80% da safra. Considerando uma produção máxima de 50,25 milhões de sacas para a temporada 2008/2009, cerca de 40,14 milhões de sacas já teriam mudado de mãos, passando para comerciantes, atravessadores e exportadores, restando à venda ainda algo em torno de 10,11 milhões de sacas.

Brasil: Evolução da comercialização de café. Base produtor – Safra 2008/09, em milhões de sacas de 60 kg – Base 28 de fevereiro.

Local	Produção*	Comercia- lizado	Fever- ei- ro (%)	Janei- ro (%)	2008 (%)
Minas Gerais	25,50	19,90	78	75	81
-Sul/Oeste	14,00	10,50	75	71	78
-Cerrado	5,00	4,00	80	76	80
-Zona da Mata	6,50	5,40	83	80	84
Espírito Santo	11,40	9,20	81	76	84
-arábica	2,60	2,00	77	73	80
-conilon	8,80	7,20	82	77	85
São Paulo	4,70	3,50	74	69	81
Paraná	2,60	2,16	83	79	88
Bahia	2,50	2,13	85	84	82
-arábica	1,80	1,50	83	80	81
-conilon	0,70	0,63	90	86	85
Rondônia	1,90	1,88	99	98	98
Outros	1,65	1,37	83	78	81
-arábica	0,65	0,52	80	75	80
-conilon	1,00	0,85	85	80	82
Arábica	37,85	29,58	78	74	81
Conilon	12,40	10,56	85	81	86
Total	50,25	40,14	80	76	83

Fonte: Corretores e cooperativas (*) Projeções: Safras & Mercado

Obs.: Números parciais sujeitos a retificação, inclui café já entregue e também por entregar.

Tendência: Em um ano de safra menor, o preço segue pouco estimulante, com a ponta vendedora optando pela retransa. Exportadores seguem na defensiva refletindo a lentidão da demanda externa.

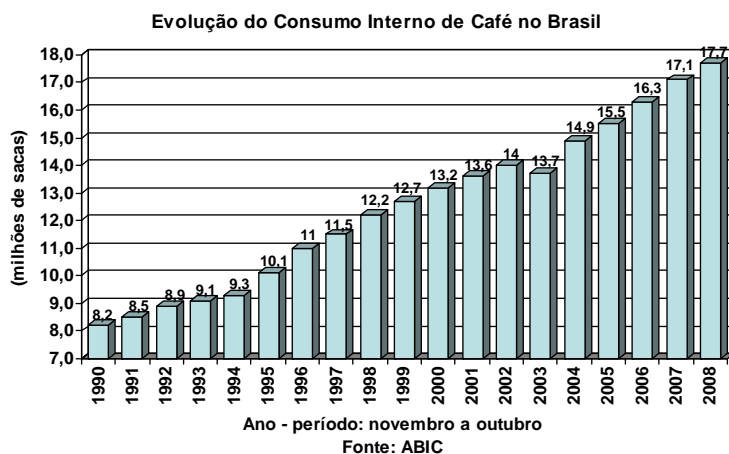
CONSUMO

CRISE FINANCEIRA NÃO DETÉM O CONSUMO DE CAFÉ NO BRASIL

Depois da água, o café é a bebida mais consumida no Brasil. Mesmo com a crise financeira mundial, o consumo de café continua aumentando cada vez mais, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic). Em 2008 o consumo superou as 17 milhões de sacas registrados em 2007, e não houve queda nos estabelecimentos comerciais especializados. Além disso, as cafeterias estão no topo da lista das franquias mais requisitadas em 2008.

Segundo estudos da Interscience, o consumo de café brasileiro vem crescendo ao longo dos anos,

principalmente, entre as pessoas maiores de 15 anos. Nove em cada dez brasileiros consomem café, diariamente. Além de prazeroso, o hábito de beber café também traz benefícios para a saúde. Suas propriedades antioxidantes e vasodilatadoras tem sido ultimamente bastante ressaltadas. Existem muitos benefícios proporcionados pelo café à saúde humana, indo desde a elevação do humor até a prevenção de doenças crônicas. O consumo diário de café previne a depressão, e o ato de beber até cinco xícaras pode prevenir o surgimento de diabetes em adultos e doenças neurodegenerativas como Parkinson e Alzheimer.



Tendência: Segundo pesquisa sobre tendências de consumo de café nos Estados Unidos realizada pela Associação Nacional do Café - NCA, em 2009, os consumidores norte-americanos regulares de café não estão deixando de beber café durante a recessão econômica, preferindo consumir a bebida em casa.

Crescimento Vegetativo (início em setembro de 2008) - **Procafe**
Sul de Minas: em média observou-se 6,9 nós por ramo.

FEIJÃO

Wilson José Rosa
E-mail: wjrosa@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349.8170 Belo Horizonte MG

PANORAMA

A área total plantada na safra 2008/2009, no Brasil, com a cultura do feijão está estimada em 4.175,9 mil hectares, um acréscimo em 4,6% em relação ao ano de 2007/2008, o que representa uma área de 121.200 hectares a mais. A produção esperada é de 3.734,8 mil toneladas, um acréscimo de 6,1%, ou seja, 213.200 toneladas a mais que a última safra, segundo o 6º levantamento de grãos, feito pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), divulgado no início de março deste ano. Para a 1ª safra, a área plantada foi de 1.434,6 mil hectares, 9,2% maior que a respectiva safra do ano anterior e uma produção de 1.390,3 mil toneladas, um acréscimo na ordem de 11,8%, também em relação à produção da 1ª safra do ano anterior. Para a 2ª safra de feijão, a estimativa de área plantada é de 1.928,3 mil hectares e uma produção de 1554,4 mil toneladas, acréscimo de 3,3% e 7,5% respectivamente, em relação à safra anterior.

REGIÕES PRODUTORAS

Os principais estados produtores de feijão da 2ª safra, são: Paraná com 27,14% da produção, Ceará com 15,34% e Minas Gerais 13,78%, conforme o mesmo levantamento da Conab. No Paraná e Minas Gerais, as lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo, frutificação e início de maturação.

Em Minas Gerais, a distribuição das áreas, produção e produtividade de feijão, estão demonstrados no quadro a seguir:

MG. Distribuição regional do plantio de feijão 2ª Safra

Região Agrícola	Área plantada (ha)	Produtividade de (kg/ha)	Produção (t)
Central	17.195	958	16.470
Rio Doce	9.849	648	6.381
Zona da Mata	21.163	782	16.551
Sul de Minas	30.468	979	29.827
Triângulo Mineiro	2.352	2190	5.152
Alto Paranaíba	25.646	2132	54.686
Centro Oeste	12.200	1.361	16.608
Noroeste	20.190	2.335	47136
Norte de Minas	11.348	1.073	12.175
Jequitinhonha/Mucuri	6.575	748	4.915
Total	156.986	1.337	209.901

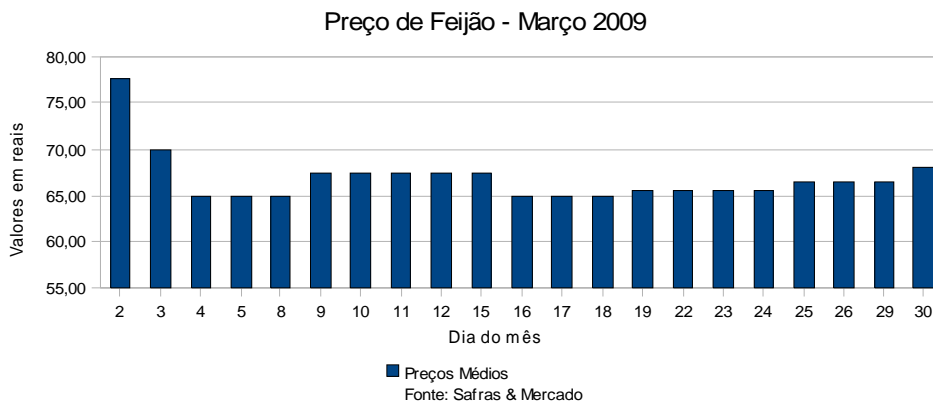
Fonte: IBGE – LSPA – Fevereiro 2009

O município de Unaí, no Noroeste de Minas, é o maior produtor de feijão de 2ª safra de Minas Gerais, com uma área plantada em torno de 10.000 hectares e uma produção de 24.000 toneladas. A seguir, o município de Ibiá, localizado na Região do Alto Paranaíba, com uma área em torno de 9.000 hectares e uma produção de 18.900 toneladas. Em seguida vem Paracatu no Noroeste Mineiro, Iguatama no Centro Oeste de Minas e Lagoa Formosa no Alto Paranaíba.

As condições climáticas para a cultura do feijão são consideradas excelentes em todo Estado. As chuvas tem sido regulares, com períodos de estiagem, com sol e luminosidade que proporcionam temperaturas elevadas, favoráveis às lavouras em seus diferentes estágios de desenvolvimento. Períodos curtos de estiagem tem permitido a colheita do produto e a manutenção da produtividade e qualidade final.

MERCADO E COMERCIALIZAÇÃO

A oferta de feijão no mês de março manteve-se em alta e o interesse de compra, representada por número reduzido de compradores, fez com que o mercado tivesse uma queda acentuada dos preços nos primeiros dias do mês, continuando com suaves oscilações e ensaiando uma pequena recuperação na última semana, como mostra o gráfico a seguir:



Em Minas Gerais a saca do produto está cotada entre R\$ 65,00 e R\$ 73,00 e o preço médio praticado foi de R\$ 68,50. Diante do quadro de uma boa colheita, com maior oferta do produto e os estoques sem influência no mercado, a tendência dos preços é de se manterem nos patamares atuais durante as próximas semanas.

MILHO

Luiz Fernando Ferreira
E-mail: luiz.ferreira@emater.mg.gov.br
Tel.: (37) 3214-3800 Divinópolis MG

PRODUÇÃO REDUZIDA NA ARGENTINA E EUA EM 2009.

A produção argentina de milho na safra 2008 / 2009 deverá situar-se entre 12,5 e 13,8 milhões de toneladas, conforme informações da secretaria de agricultura daquele país. A área plantada na Argentina na atual safra foi elevada de 3,36 para 3,43 milhões de hectares, de acordo com a previsão de fevereiro e março. Não havendo modificações nessa previsão, o cultivo da área representa uma redução de 19%, se comparada com o ano anterior. A queda na estimativa da produção torna-se mais consistente em função da estiagem no final do ano passado e início deste ano, ficando bem distante do que foi produzido no ano passado, ou seja, 22 milhões de toneladas de milho.

Pelas informações do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o plantio da safra americana em 2009 apresenta uma queda de 1%, se comparado com o ano anterior. O levantamento indica como fatores de desestímulo, o aumento dos custos de produção e os baixos preços do cereal, neste período de 2009. Diante desta redução – a 2ª consecutiva, a área americana cultivada, ainda assim, será a 3ª maior da história.

Espera-se que esta situação nos dois países, tradicionalmente exportadores de milho, possa favorecer consideravelmente o Brasil que deverá apresentar uma safra superior a 50 milhões de toneladas.

PRODUÇÃO BRASILEIRA

Nos meses de fevereiro e março as condições climáticas, embora irregulares em alguns pontos, favoreceram o desenvolvimento, floração, enchimento de espigas e a maturação das lavouras. Diante da produção estimada de 135,3 milhões de toneladas para os grãos, na safra 2008/2009, o milho deverá apresentar uma colheita em torno de 33 milhões de toneladas na primeira safra, e na segunda, uma produção superior a 17 milhões de toneladas.

As exportações brasileiras do início do ano e a redução, mesmo tímida, nos preços dos fertilizantes, contribuíram, principalmente para os produtores paulistas e paranaenses estabelecerem os cultivos

da 2ª safra ou safrinha, compensando assim o cultivo feito com o cultivo da soja precoce, que no julgamento da classe não foi bem.

Na região de Itapeva, (MG), por exemplo, o milho safrinha está sendo cultivado em 25 mil hectares, 5 mil a mais que em 2008.

PREÇOS

Os preços continuam ainda indefinidos, o que para o período pode ser considerado normal, com melhorias em determinadas regiões e estabilização em outras. Uma boa colaboração para a formação de preços mais compensadores aos produtores envolvem os leilões realizados pela Conab e o volume das exportações. A Conab já tem preparado um leilão para ser realizado no início de abril, com produto armazenado em Manaus (AM). Espera-se que outros leilões também sejam realizados para facilitar o escoamento da produção.

Em Minas Gerais, os preços tendem a permanecer estáveis com a comercialização sendo feita próximo dos locais de consumo, como é o caso da região central do Estado e Zona da Mata.

Fonte: Safras, Cimilho, Notícias Agrícolas.

SOJA

Willy Gustavo De La Piedra Mesones
E-mail: willy.gustavo@emater.mg.gov.br
Tel.: (34) 3338-5156 Uberaba MG

EUA. NOVO RECORDE, MAS AINDA COM BAIXOS ESTOQUES

A última safra norte-americana, embora seja um novo recorde, não evitou que se verificasse um baixo estoque de produtos do complexo soja, constituindo-se como o menor desde a safra 2003/2004, deixando a taxa de disponibilidade (relação entre estoque final e consumo total) em 6,2% como uma das menores desde o início da década de 1970. Esta situação cria uma expectativa de melhoria de preços para o produtor.

A produção mundial está estimada em 224,2 milhões de toneladas, somente 1% acima da obtida na safra passada, entretanto verificam-se grandes diferenças de comportamento entre os países produtores, como podemos verificar no quadro a seguir, que, enquanto a safra sul-americana decresce 9%, a safra norte-americana aumenta 11% e a chinesa 20%.

Produção mundial de soja, safra 2008/2009 – Em milhões de toneladas

País	Produção Safra 08/09 (a)	Participação mundial (%)	Produção Safra 07/08 (b)	a/b %
Estados Unidos	80,54	36	72,86	11
Argentina	42,50	19	47,00	-10
Brasil	57,99	26	61,00	-5
Paraguai	3,80	2	6,90	-45
Bolívia/Uruguai	2,6	1	2,00	30
América do Sul	(106,80)	(47)	(116,34)	(-9)
Canadá	3,30	1	2,70	22
China	16,80	8	14,00	20
Índia	10,00	4	9,30	8
Outros	6,70	3	5,68	18
Total	224,19	100	220,88	1

Adaptado de Safras&Mercado

Mas, novas informações referentes a intenção de plantio nos EUA para a safra 2009/2010 trazem indicativos de crescimento, estimando-se o plantio de uma área de 30,7 milhões de hectares que representaria somente 0,4% sobre a safra passada mas seria novo recorde naquele país. Este aumento de área poderia ser em função dos custos de produção do milho e do algodão que teriam subido mais do que o da soja, e este fato faria a opção soja como melhor alternativa.

Embora a nova safra norte-americana já deva começar o plantio em abril, a maior concentração de semeadura deve ocorrer no final de maio e junho, o que pode alterar a previsão de área plantada. Os especialistas acreditam que essa alteração seria para cima, ainda mais levando-se em conta a redução de área plantada de algodão, milho, canola, amendoim e girassol.

Neste cenário, a produção prevista de soja norte-americana para a safra 2009/2010 seria de 87,42 milhões de toneladas, o que representariam 9% a mais que a safra atual e também seria novo recorde. Assim, confirmando-se estes dados, a taxa de disponibilidade passaria para 10,7% contra os 6,2% atual.

PRODUÇÃO BRASILEIRA MENOR QUE A SAFRA ANTERIOR

A produção brasileira deve ficar em 57,99 milhões de toneladas, o que corresponde a uma queda de 3,7% ante a safra passada, que foi recorde, e uma área de 21,44 milhões de hectares, superando apenas em 0,4% a área da safra anterior, com aumentos em Mato Grosso, Minas Gerais, Piauí e Tocantins, e menor área no Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e São Paulo. A produtividade média no Brasil está estimada em 2.706 kg/ha, o que representa uma queda de 4,1% ante a obtida na safra anterior. Credita-se essa perda, principalmente, ao menor uso de insumos, com destaque aos fertilizantes que tiveram os seus preços firmemente majorados na época do plantio.

Previsão de Produção de soja na safra 2008/09 comparada com safra 2007/08

Região/ Estado	2008/2009 Área (Mil ha)	Diferen ça (%)	2008/2009 Produção(Mil t)	Diferen ça (%)	Produtivid ade (kg/ha)
PR	4.015	1,0	9.900	-18	2.469
Sul	8.250	0	19.550	-6	2.371
MT	5.650	0	17.400	-3	3.080
GO	2.230	2,0	6.500	-1	2.915
MS	1.720	-2,0	4.300	-7	2.510
Centro- Oeste	9.650	0,0	28.355	-3	2.940
MG	885	3,0	2.580	3	2.915
SP	530	0	1.350	-8	2.547
Sudeste	1.415	2,0	3.930	-1	2.777
BA	930	2,0	2.700	0	2.903
Nordeste	1.600	1,0	4.650	-2	2.906
Norte	528	2,0	1.511	1	2.862
BRASIL	21.443	0,0	57.996	-5	2.706

Adaptado de Safras&Mercado Diferença = % com relação à safra 2007/2008

Destaque do mês de março foi o aumento de casos de incidência de ferrugem asiática, em função, principalmente, da ocorrência de chuvas nos meses de fevereiro e março. Mas, como esta ocorrência se manifestou num período mais avançado do ciclo da cultura, os impactos da doença estão sendo menores não havendo relatos de perdas significativas. Foram registrados no Brasil em torno de 2600 casos, superando em 26% o número de incidências para o mesmo período da safra anterior. Quase 50% dos casos foram verificados no Paraná, sendo que Minas Gerais registrou 32 casos contra 8 na safra passada.

A colheita em março avançou lentamente em função das chuvas, principalmente em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Bahia. Até à primeira semana de abril foram colhidos no Brasil, pouco mais de 60% da área. Minas Gerais, embora com chuvas em março, a colheita está bem adiantada com relação às safras anteriores.

MERCADO

Na Bolsa de Mercadorias de Chicago foi verificada uma alta nos preços na última semana de março alavancada pelo Relatório do USDA sobre a intenção de plantio da safra norte-americana e a previsão de baixos estoques, aliado a uma forte demanda pelo produto norte-americano, ao clima seco na Argentina que pode reduzir a produtividade e à queda da cotação do dólar.

No Brasil, o mercado tem acompanhado o comportamento da Bolsa de Chicago, verificando-se ainda um bom aumento no ritmo das exportações de soja em grão, farelo e óleo.

Preços praticados no Brasil - R\$/saca

Local	02/04/09	1 semana Atrás	1 mês atrás	1 ano atrás
Passo Fundo/RS	46,50	45,50	45,00	41,00
Rondonópolis/MT	40,50	39,50	38,00	38,50
Mogiana/SP	45,50	46,00	44,00	44,00
Uberlândia/MG	43,50	43,00	42,00	42,00

Adaptado de Safras & Mercado

Fonte: Safras & Mercado, Conab, Emater-MG, Gazeta Mercantil

TOMATE DE MESA

Georgeton S. R. Silveira

E-mail: georgeton@emater.mg.gov.br

Tel.: (31) 3349-8148 Belo Horizonte MG

COMPORTAMENTO

Os preços do tomate in natura, em março, segundo a Ceasaminas, no entreposto de Contagem, foram de:

- Tomate AA dos grupos, Longa Vida R\$ 22,33 e Santa Cruz R\$ 23,17, preço médio da caixa com 22 kg.

- Tomate classe A dos grupos longa vida R\$ 13,00 e Santa Cruz – R\$ 12,67 a caixa com 22 kg.

Segundo pesquisa de preços realizada no varejo pela Ceasaminas entre os dias 01 e 03 de abril, os preços médios do tomate in natura praticados nos hiper e supermercados da grande BH, foram de R\$ 2,33/kg e nos sacolões, de R\$ 2,05/kg, sendo o preço médio, anotado no varejo, de R\$ 2,26/kg.

O preço médio do tomate no atacado, nesse mesmo período, foi de R\$ 1,04/kg. Os preços do varejo em relação ao atacado, obtiveram uma variação média de +117,3%.

Os preços anotados em março, se comparados com os de fevereiro, foram menores. Essa variação de preços, para baixo, tem uma relação direta com início do período de safra, devido à antecipação dos produtores no plantio das áreas de tomate em algumas regiões, bem como a redução de preço das carnes, que leva o consumidor a reduzir o consumo de hortaliças e aumentar o consumo desses alimentos.

O prolongamento do período de chuvas poderá ser prejudicial ao desenvolvimento das lavouras de tomate, cuja maioria está em plena fase de crescimento vegetativo. Este fator poderá ser determinante em relação à formação do quadro de ofertas para os próximos meses, já que a produtividade final das lavouras é altamente dependente do estado fitossanitário das plantas, e que está diretamente ligada às condições climáticas do período de desenvolvimento da cultura.

TENDÊNCIA

Para o mês de abril, a tendência é que a oferta de tomate seja maior que no mês de março, já que irá entrar o período de estabilização da oferta de produto no mercado, levando os preços a se manterem no mesmo patamar do mês de março, com tendência de baixa no preço médio mensal.

FRUTICULTURA

Deny Sanábio
E-mail sanabio@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8273 Belo Horizonte MG

FRUTICULTURA BRASILEIRA

O Brasil ocupa a terceira posição no ranking mundial da produção de frutas ficando atrás da China e Índia. A produção brasileira é de, aproximadamente, 40 milhões de toneladas anuais e uma área plantada, em torno de 2,5 milhões de hectares.

Por apresentar uma evolução contínua, a fruticultura é considerada uma das atividades mais dinâmicas da economia brasileira. Atende ao mercado interno e vem ganhando espaço no mercado internacional, com a oferta de frutas tropicais, subtropicais e de clima temperado, aumentando as variedades de frutas exportadas e o volume das exportações. O número de empresas exportadoras e o número de países importadores também vem crescendo.

O setor de fruticultura brasileiro cresce, em média, 4,5% ao ano e se destaca na geração de empregos e renda. Gera mais de 5,6 milhões de empregos diretos sendo responsável por 36% da mão-de-obra do agronegócio brasileiro. A produção de frutas em 2009 deve chegar a 42 milhões de toneladas.

A FRUTICULTURA EM MINAS GERAIS

A área mineira, já há alguns anos, vem se mantendo em torno de 120 mil hectares. Esta relativa estabilidade reflete uma mudança de perfil no setor, onde os produtores sofrem pressões crescentes do mercado (preços, volume, qualidade etc.), exigindo um perfil mais profissionalizado. Em 2007, a oferta de novas áreas irrigadas no Norte de Minas, especificamente na fase II do Projeto Jaíba, ainda tem pouco reflexo nos indicadores. Novas lavouras estão sendo implantadas diversificando a produção com abacaxi, maracujá, goiaba, limão, atemóia, pinha e uva.

As três principais frutíferas mineiras são: banana, laranja e abacaxi. A banana e a laranja apresentaram em 2008 uma redução de área de 0,99% e 0,96%, respectivamente. A bananicultura passou a ocupar 36,4 mil hectares ou 30,3% da área total de frutas em Minas, e a laranja, 31,1 mil hectares ou 25,9%.

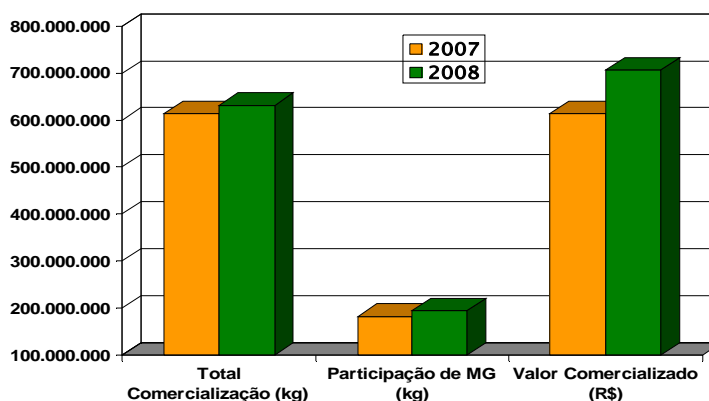
Com o abacaxi ocorreu um incremento na área, na ordem de 25,9%, passando de 7,6 mil hectares, em 2007, para 9,5 mil hectares em 2008, (IBGE, fev./09). Atualmente o abacaxi ocupa 7,9% da área total de frutas do Estado.

Áreas que entraram em produção em municípios importantes produtores do Estado (Monte Alegre de Minas, Frutal, Fronteira e Itapajipe, provocaram acréscimos de área e produção em relação a 2008. Os preços foram bastante atrativos durante o ano anterior, o que estimulou os agricultores.

Minas Gerais apresenta excelentes condições de solo e de clima, com potencial para expansão da fruticultura. Possui água em abundância e temperaturas propícias para a produção de frutas de clima temperado, tropical e subtropical.

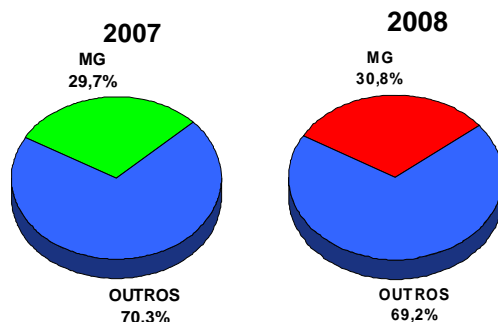
Minas Gerais, apesar de grande produtor, ainda é dependente da importação de frutas de outros Estados e países para o abastecimento interno.

Participação de Minas Gerais na quantidade de frutas comercializadas na Ceasaminas - 2007/2008 (Fonte: Ceasaminas)



Quando se compara o ano de 2007 com o ano de 2008 observa-se um incremento de 2,8% no total de frutas comercializadas, passando de 614.610,4 toneladas para 632.073,9 toneladas. O volume de frutas comercializadas oriundas do Estado de Minas teve um incremento de 6,4%, passando de 182.786,7 toneladas para 194.427,6 toneladas. Já o valor comercializado obteve um incremento de 14,8% passando de R\$ 614,987 milhões para R\$ 706,538 milhões.

Percentual de frutas de Minas Gerais comercializadas na Ceasaminas em relação às importadas.



Fonte: Ceasaminas

A contribuição dos municípios mineiros produtores de frutas na comercialização da Ceasaminas, ainda é muito pequena. Em 2007 a participação foi de 29,7% e em 2008 a participação passou para 30,8%. Houve necessidade, portanto, de importar frutas de outros estados e de outros países. Os números deixam claro que a fruticultura no Estado tem grande potencial para crescer, visando, principalmente, o abastecimento interno e, no futuro, aumentar as exportações para outros estados da federação, bem como para outros países.

TANGERINA PONKAN

A tangerina Ponkan começa a chegar no ponto de maturação e com isso espera-se que a partir de abril haja um incremento significativo na oferta da fruta. No mês de março houve uma oferta acanhada de tangerina Ponkan na Ceasaminas, com um volume em torno de 609 toneladas, com preço médio de R\$ 1,40/kg. Apesar do preço atrativo ao produtor, observa-se que as frutas oferecidas ao mercado varejista eram de qualidade inferior, ou seja, fruto miúdo e sem padrão, o que leva a concluir que as frutas foram colhidas antes de atingirem um nível de maturação desejável.

A tendência de mercado a partir do mês de abril é de haver um incremento significativo na comercialização, com pico nos meses de junho e julho e possível redução no valor da fruta.

BANANA

Os preços da banana prata e nanica no norte de Minas mantiveram-se estáveis durante quase todo o mês operando em R\$ 18,00/caixa para a prata e R\$ 5,00/caixa para nanica. No final do mês houve uma tendência de queda para a prata e alta para nanica, passando para R\$ 15,00 e R\$ 7,00 respectivamente. No caso da prata a redução deve-se à elevada oferta de banana de "segunda", reflexo dos baixos investimentos na cultura no ano passado. Esse fato pressiona os preços da banana prata de melhor qualidade, ser perspectiva de aumento de preços para a próxima quinzena. Já a banana nanica mantém a tendência de crescimento, sobretudo devido à queda na oferta no vale do Ribeira, afetada pelas chuvas intensas nos últimos meses.

A baixa oferta de banana nanica no Vale do Ribeira, provocou alta de 16% do produto na região na última semana de março, em relação à semana anterior. A tendência de alta permanece para a

primeira quinzena de abril, já que a oferta deve continuar abaixo da demanda no período. Em Santa Catarina os preços da banana nanica reagiram na última semana de março, sendo cotada R\$ 4,04 a caixa de 20 kg, alta de 18% em relação à semana anterior. Houve redução na oferta de banana, o que impulsionou os preços.

Em Bom Jesus da Lapa (MG), a baixa qualidade das frutas ofertadas derrubou os preços da banana Prata sofrendo queda de 6% na última semana do mês, passando a custar R\$ 13,00 caixa de 22kg. O pequeno aumento no volume comercializado também influenciou a queda. Os preços da banana nanica permanecem estáveis na região assim como a oferta da fruta.

Fonte: Ibraf, Ceasaminas, Cepea, IBGE, Relatório Safra da Emater-MG.

Colaborou na análise de Banana: Raimundo Mendes de Souza Júnior - E-mail: raimundo@emater.mg.gov.br

BOI GORDO

José Alberto de Ávila Pires
E-mail: xapeco@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8272 Belo Horizonte MG

RECUPERAÇÃO E CENÁRIO FAVORÁVEL

Pelo menos para o mercado do boi gordo, parece que o pior da crise financeira mundial já passou. Aos poucos os preços recebidos pelos pecuaristas pela arroba do boi gordo vai mostrando sinais de recuperação, depois da queda de 22 a 27% verificado nos últimos seis meses – de R\$ 88,00/90,00 por arroba em out./nov./08 para R\$ 65,00/70,00, durante a primeira quinzena de março/09.

Causas apontadas para esta recuperação: uma oferta restrita de animais, com conseqüentes escalas curtas de abate, recuperação nas exportações e preços no atacado (mercado interno) firmes. Este “cenário favorável” tem assegurado liquidez ao mercado, inclusive na região do Norte de Minas (Montes Claros e Janaúba) a mais afetada pelo fechamento do Frigorífico Independência, localizado em Janaúba.

Do lado da produção de boi gordo, as chuvas, que vem ocorrendo regularmente nas principais regiões produtoras de pecuária de corte, asseguram um bom desenvolvimento das pastagens e, com isso, criam para o pecuarista, uma condição para poder “regular” a oferta de animais para abate e negociar melhor os preços pagos pela arroba do boi gordo.

MERCADOS REGIONAIS

Segundo Safras & Mercado em seus relatórios diários (04 e 06/04/09), o mercado do boi gordo apresentou-se com preços firmes para os preços da arroba do boi gordo e os frigoríficos com escalas de abate para os dias 08 e 09/abril (escalas curtas). Com isto, no dia 06/abril/09, as cotações da arroba do boi gordo para pagamento com 30 dias de prazo e livre de Funrural, foram: em São Paulo entre R\$ 78,00 e R\$ 80,00; no Mato Grosso do Sul e Goiás a R\$ 72,00 e em Minas Gerais entre R\$ 73,00 e R\$ 75,00.

O mercado ainda segue firme e não se nota acomodação por parte do comprador, concluiu Safras & Mercado.

EXPORTAÇÕES

Aos poucos, as exportações de carne bovina vão mostrando sinais de recuperação pelo menos quanto ao volume exportado. Em março/09, o volume exportado foi de 153,10 mil toneladas, 14%

maior do que as 133,40 mil toneladas de fevereiro/09, embora inferior às 167,45 mil toneladas de março/08. Entretanto, houve uma queda significativa em relação aos preços. Em março/09, obteve-se o valor de US\$ 2.502,00 próximo aos US\$ 2.522,00 de março/07, mas muito abaixo dos US\$ 3.308,00 de março/08.

BEZERRO DE CORTE

Segundo a pesquisa feita pelo Cepea/Esalq/USP, o preço do bezerro Nelore (comercial), teve uma “ligeira recuperação” neste início de abril/09, e esteve cotado a R\$ 650,00 (contra R\$ 590,00 em 05/março/09) na região de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

O relatório diário de Safras & Mercado, de 07/abril/2009, indicou para outras regiões a manutenção de preços estáveis para este tipo de bezerro Nelore: entre R\$ 650,00 e R\$ 680,00 por bezerro no Estado de São Paulo; no Mato Grosso do Sul e R\$ 600,00; em Minas Gerais entre R\$ 580,00 em Unaí e R\$ 600,00 em Uberaba; entre R\$ 530,00 e R\$ 550,00 no Mato Grosso e no Estado do Paraná a R\$ 650,00 por bezerro.

CONFINAMENTO 2.009

As incertezas quanto ao comportamento futuro do mercado do boi gordo, em 2009, pode significar redução da atividade de engorda de bovinos para abate, em confinamento.

Ao contrário do que acontece durante a **safr**a de boi gordo, período de janeiro a junho, as chuvas e as boas condições das pastagens asseguram para a engorda à pasto, a possibilidade de se “reter boi no pasto”, à espera de melhores preços. Já na **entressafr**a de julho a dezembro, época em que se pratica no Brasil a engorda de bovinos em confinamento, de custos elevados pelo uso de ração (volumosa e concentrada), não permite esta “retenção de boi gordo” sob pena de elevar custos e consequentes prejuízos para a atividade.

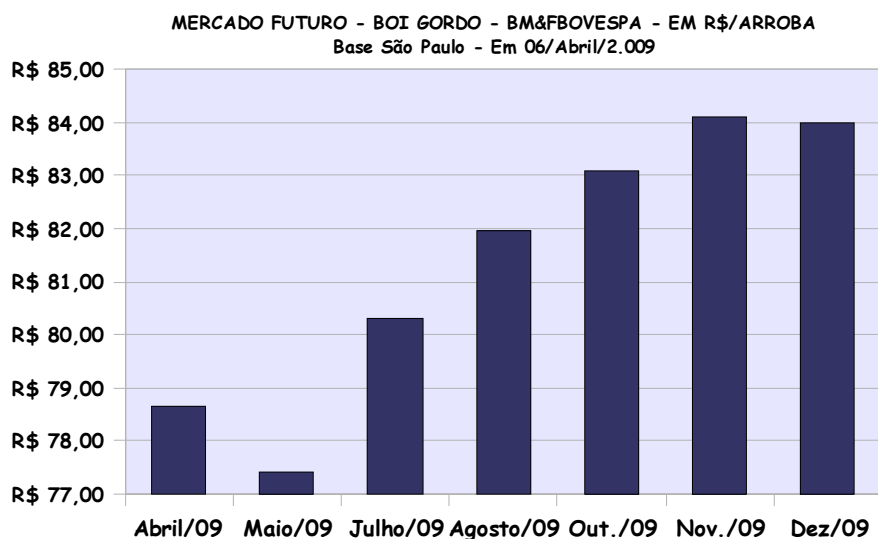
CENÁRIO 2.009 – SAFRA E ENTRESSAFRA

A figura a seguir, mostra o comportamento dos preços da arroba do boi gordo, segundo os negócios realizados no Mercado Futuro de Boi Gordo da BM&FBovespa, no dia 06/abril/09.

Os meses de maior liquidez foram: maio/09 com 7.891 contratos em aberto e 2.345 contratos negociados a um valor de R\$ 77,70 por arroba; e outubro/09 com 6.031 contratos em aberto e 623 contratos negociados e valor de R\$ 84,10 por arroba. Estes valores são para preços da arroba à vista, para descontar o Funrural (2,3%), tendo como base o Estado de São Paulo. E cada contrato corresponde a 20 bois gordos.

Até o momento (06/abril/09) o mercado do boi gordo – no físico (frigorífico) e no futuro (BM&F Bovespa) apresentava-se firme (tendência de alta). Ou seja, um mercado com tendência de recuperação das perdas ocorridas nos últimos seis meses (out/nov/08 a março/abril/2009).

Mas, atenção! As preocupações com a crise financeira mundial ainda persistem até o momento (06/abril/09). Isto significa que o comportamento e as tendências do mercado podem se alterar a qualquer momento. Mais uma razão para ficar atento ao comportamento dos negócios realizados no Mercado Futuro do Boi Gordo da BM&FBovespa. **Vamos acompanhar.**



FRANGO E OVOS

Dirceu Alves Ferreira
E-mail: dirceu@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8272 Belo Horizonte MG

O **frango vivo** encerrou o primeiro trimestre do ano da mesma forma como começou, o que significa que nos primeiros 90 dias de 2009 o ganho obtido pelo produto foi igual a zero. Janeiro registrou uma valorização nas cotações, em fevereiro os preços permaneceram estáveis, mas em um nível relativamente elevado, e só em março é que ocorreram os primeiros retrocessos do ano, com retorno aos valores de janeiro. Com isso, o frango vivo obteve no trimestre inicial de 2009 cotação média de R\$1,72/kg, com ganho de quase 25% sobre o mesmo período de 2008. Fonte: Avisite

Faltou muito pouco, cerca de 3.500 toneladas, para que os embarques de **carne de frango** in natura de março de 2009 se igualassem aos de março do ano passado. Conforme a SECEX, foram exportadas 279.026 toneladas do produto, volume que significou redução de apenas 1,25% sobre as 282.567 toneladas com que o setor encerrou o primeiro trimestre de 2008. O volume registrado também correspondeu a um aumento de 20,54% sobre as 231.487 toneladas de fevereiro passado. Outro fato importante no mês é a recuperação dos preços médios do produto, possível indicativo de que o pior já passou e um novo ciclo de retomada dos preços se reinicia. Assim, após alcançar, em fevereiro último, o pior resultado dos últimos 23 meses (US\$1.270,46/t), o preço médio da carne de frango exportada aumentou 0,62% em março, ficando em US\$1.278,35/t. Essa pequena mas dupla combinação fez com que a receita cambial do mês, de US\$356,693 milhões, apresentasse ganho de 21,28% sobre o mês anterior, fevereiro de 2009. Infelizmente, porém, permanece uma defasagem de 23,11% em relação a março de 2008. Fonte: Avisite

Sem ter atingido os bons preços registrados na Quaresma do ano passado (o que ainda pode ocorrer até o final do período), o **ovo** encerrou o primeiro trimestre do ano com as maiores cotações de 2009 e uma valorização de mais de 18% em relação aos preços iniciais do exercício.

Em março, por exemplo, alcançou preço médio de R\$46,94/caixa, valor que, embora 6,68% inferior ao de março do ano passado, está 7,80% acima do registrado em fevereiro e se coloca como o melhor preço médio mensal obtido pelo setor nos últimos oito meses.

Apesar da boa remuneração oferecida ao setor no trimestre, o valor médio do período permanece 2,31% abaixo da média anual de R\$43,62/caixa registrada no decorrer do ano passado. Em relação ao primeiro trimestre de 2008, a atual média é 8,5% inferior. Fonte: Mercadodoovo

Varição nas cotações de frangos (R\$/kg)

Frango	Atacado FOB	
	28/02/09	31/03/09
Abatido Resfr./Atacado	3,16	2,70
Vivo com ICMS	1,80	2,35
Vivo diferido	2,28	2,20
Vivo Integração	1,80	1,50

Fonte: Avimig

Varição nas cotações de ovos

Ovos	R\$/cx/30dz	
	28/02/09	31/03/09
Extra	43,00	55,00
Grandes	42,00	54,00
Médios	40,00	53,00
Pequenos	33,00	51,00
Vermelhos	46,00	61,00

Fonte: Avimig

Varição nas cotações de aves de descarte (R\$/kg)

Aves de descarte	Atacado FOB	
	28/02/09	31/03/09
Poedeira Vermelha	1,00	1,00
Poedeira Branca	0,60	0,50
Matriz Vermelha	0,70	0,50

Fonte: Avimig

TENDÊNCIAS

O frango vivo, nos últimos dias, permanece com os preços estabilizados e parece ser esta uma tendência a continuar nos próximos dias, podendo ocorrer uma ligeira queda. Fonte: Avisite

Apesar da estabilidade dos preços, o mercado de ovos segue com a demanda crescendo a cada dia e com as ofertas mais equilibradas ainda. Com o feriado da Semana Santa, o mercado já começa a se preparar para as antecipações de cargas. Isto com certeza deixará o mercado mais equilibrado ainda. Fonte: Mercadodoovo

LEITE

Cinthy Leite Madureira de Oliveira
E-mail: cinthya@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8271 Belo Horizonte MG

MERCADO

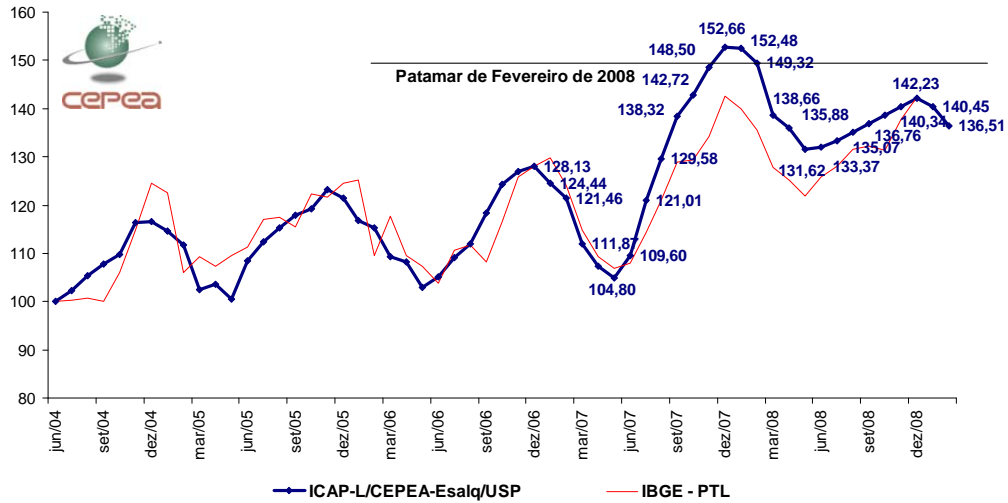
O preço do leite pago aos produtores em março (referente à produção de fevereiro), teve um pequeno aumento. A “média nacional” (ponderada por volume) dos sete estados pesquisados pelo Cepea/Esalq/USP, (RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA), foi de R\$ 0,6087/litro, reajuste de 1,78% no valor bruto, sem o desconto do frete e de 2,3% da CESSR).

Desde final de março os laticínios de Goiás e Minas Gerais pagam entre 10 e 15% a mais pelo litro de leite recebido do produtor via cooperativa. Com o reajuste, a cotação no mercado interno voltou ao patamar de preços praticados no mesmo período de 2008. Essa alta já era sentida pelo consumidor, antes mesmo de ser praticada ao produtor. O preço do leite Longa Vida subiu 15% em março, na comparação com o mesmo período do ano anterior. Essa subida repentina, segundo a Gazeta Mercantil, é reflexo da escassez de fêmeas nos pastos brasileiros, em especial Minas e Goiás. O rebanho que começou a ser recomposto no início de 2008 foi sacrificado no final do mesmo ano. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) calculou que, só em Goiás, os abates cresceram quase 16% no último trimestre do ano passado. Em Minas Gerais, a participação das matrizes nos abates chegou a 42,02% ao longo de 2008. O crescimento de 2,68% frente ao ano anterior foi acentuado no início deste ano, quando em plena safra os preços permaneceram praticamente estáveis, desmotivando o produtor. (Selectus -Terra Viva)

De acordo com levantamento da Scot Consultoria, os preços dos lácteos, nas indústrias, caíram 5% quando comparado ao mesmo período de 2008. Destaque para o leite em pó, cuja queda chegou a 22% no mesmo período. Com exceção do leite fluido e da manteiga, todos os produtos estão com cotação mais baixa que no ano passado, situação diferente do observado nos supermercados. No varejo, apenas o valor do leite em pó está mais baixo, devido ao Brasil ter diminuído as exportações do produto nos últimos meses, provocando excedente no mercado interno.

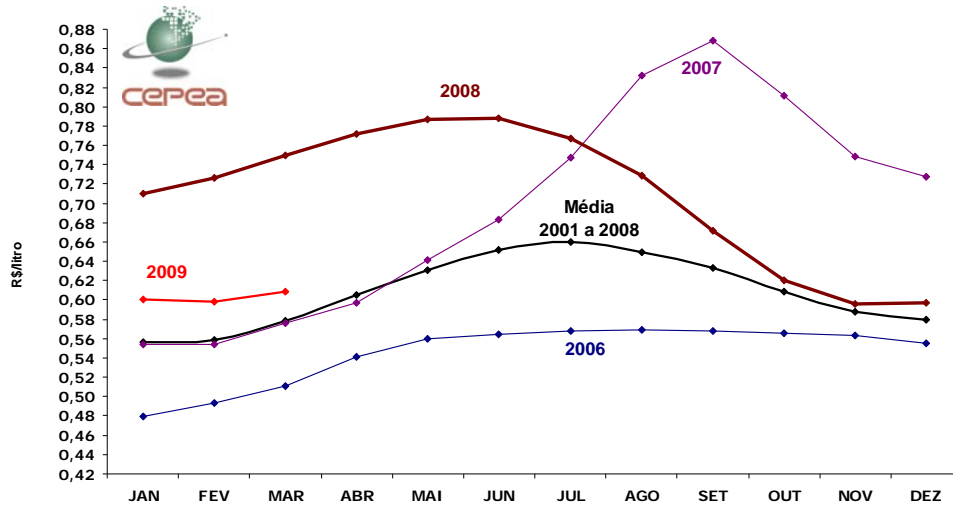
O volume de leite captado é um item de grande importância para a definição do preço ao produtor. Em fevereiro, o Índice de Captação de Leite (ICAP-L) do Cepea foi 2,8% menor que o de janeiro, queda normal para o período. Já o recuo de 8,6% em comparação com fevereiro de 2008 pode ser preocupante à medida que sinaliza a desmotivação dos produtores. As maiores reduções no volume recebido pelas empresas ocorreram em Minas Gerais e em Goiás. Para os mineiros, a queda foi de 3,4% e para os goianos, de 3,94%.

Índice de Captação de Leite - Fevereiro/09. (Base 100=Junho/2004)



Fonte: Cepea-Esalq/USP

Série de preços médios pagos ao produtor - deflacionada pelo IPCA (média de RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA)



Fonte: Cepea

**Preços do leite pagos aos produtores em março/2009
referentes à produção de fevereiro/ 2009.**

Região	Bruto (c/frete e CESSP)			Preço líquid o	Var. %	Var.% Mar/F
	Máxi	Mínim	Médio			
Triâng./Alto Paranaíba	0,6889	0,5659	0,6311	0,5938	0,92	1,01
Sul/Sudoeste	0,6605	0,4911	0,6289	0,5970	8,37	8,38
Vale do Rio Doce	0,7180	0,5650	0,6022	0,5782	4,49	4,76
Média Estadual	0,6632	0,5235	0,6057	0,5747	2,43	2,44
Média Nacional	0,6656	0,5152	0,6087	0,5738	1,78	1,79

Fonte: Cepea-Esalq/USP. Adaptado por Detec/Emater-MG

TENDÊNCIA

Para o mês de abril, é esperada a estabilidade dos preços. Por outro lado, os mais otimistas acreditam em aumento no pagamento de abril referente à produção de março.

PEIXE

Frederico Ozanam de Souza
E-mail: frederico@emater.mg.gov.br
Tel: (35) 3522-1166 Passos-MG

PANORAMA

Geralmente neste período há um aumento significativo na procura de carne de peixe. Porém, este ano a demanda continua como em anos anteriores, mas o preço aumentou além do esperado. Isto se deve ao fato da produção não acompanhar a demanda, conseqüentemente, faltando peixe, o preço se eleva.

Para o piscicultor, o aumento da demanda é muito positivo pois faz o preço subir, mas para o consumidor é negativo, visto que com o preço elevado, o consumo diminui, principalmente pela sociedade com menor poder aquisitivo.

Com a organização dos produtores e com implantação de unidades de processamento de peixes, será possível resolver este e outros problemas da atividade. Em Minas cresce, a cada dia, a implantação de unidades de produção, contudo, este aumento não atinge os níveis necessários para que a atividade supra a demanda que também cresce a cada dia.

MERCADO E TENDÊNCIA

No mês de março foi possível observar um aumento bastante significativo na demanda e no preço da carne de peixes. Os preços recebidos pelos produtores, foram os seguintes, o peixe vivo de tilápia ficou entre R\$ 4,00 e R\$ 5,50/kg e o filé, em torno de R\$ 15,00/kg. Outras espécies de peixe vivo, como o Matrinchã, Pacu e Tambaqui, tiveram os preços cotados entre R\$ 5,00 e R\$ 6,50/kg. A truta foi comercializada entre R\$ 7,00 e R\$ 10,00/kg. Para as espécies de peixes considerados nobres, como o Surubim e o Dourado, os preços também aumentaram, variando entre R\$ 8,00 e R\$ 12,00/kg vivo.

Neste mês a tendência é do preço se manter relativamente elevado, ainda, em conseqüência do período da Semana Santa.

SUÍNO

Dirceu Alves Ferreira
E-mail: dirceu@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8272 Belo Horizonte MG

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, na contramão dos segmentos de carnes bovina e de frango in natura, os produtores de suínos conseguiram aumentar suas exportações nos três primeiros meses de 2009, em comparação com o desempenho das exportações no mesmo período do ano passado. Enquanto as vendas externas de carne bovina e de frango in natura diminuíram, respectivamente, 20,1% e 5,9%, as de suínos tiveram incremento de 17,9%, atingindo 116,3 mil toneladas. Além do aumento significativo da quantidade de suínos negociada com outros países, a quantidade arrecadada com as vendas subiram 34,8% com a valorização do dólar, chegando a R\$ 567,7 milhões. Fonte: Suino.com

A suinocultura do Estado de Minas Gerais começou o ano de 2009 com forte queda nos preços de venda de seu produto. O suíno vivo, comercializado a R\$ 3,15/kg em novembro de 2008 caiu para R\$ 2,20 em março deste ano. A queda de valores que atingiu fortemente o produtor, alcançando prejuízos em torno de R\$100 a cada animal de 115kg, não chegou à mesa do consumidor. A arroba da carne suína entra nos frigoríficos com o custo de R\$ 41,00, 88% mais barata que a arroba bovina, que tem o custo de R\$ 77,00.

Ao longo do mês o suíno terminado cifado, preço frigorífico, apresentou alta de 3%, e desde então ele vem se mantendo neste patamar devido, principalmente, à queda do poder aquisitivo da população, o que vem provocando uma menor procura pela carne suína. Já o preço da carcaça especial no atacado não reage desde o dia 11 de fevereiro. O preço vigente em março, em torno de R\$2,20/kg, está cerca de 21% abaixo em relação ao mesmo período de 2008.

Segundo o vice-presidente da Associação dos Suinocultores do Estado de Minas Gerais (Asemg), José Arnaldo Cardoso Penna, o custo de produção é de cerca de R\$ 2,50 e está sendo vendida a R\$ 2,20, com prejuízo de 30 centavos para o produtor por quilograma comercializado. O frigorífico repassa a carcaça a R\$ 3,40/kg e o varejo vende a cerca de R\$ 10,00. Para ele "seria interessante que o varejo reduzisse sua margem de lucro, o que implicaria no aumento do consumo. O produtor poderia diminuir seu prejuízo, e não haveria perda para o varejo e frigoríficos, pois continuariam a ganhar no volume". Fonte: Suinocultura Industrial

Cotações do suíno 31/03/2009 (R\$): SP 2,18 - RS 1,97 - PR 1,75 - SC 1,80 - MS 1,60 - MT 1,70 - GO 2,40 - MG 2,15. Fonte: Asemg

TENDÊNCIAS

Os preços da carne suína seguiram firmes na última semana do mês de março e início de abril, sem grandes alterações nos preços médios. O preço médio do quilograma da carcaça no atacado está em alta de 2,3% sobre o da semana anterior. Já no segmento de animais vivos, o comportamento dos preços é variado entre as regiões, havendo maior pressão sobre os valores recebidos por produtores independentes, porém sem alterações significativas. Fonte: Cepea

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES

Produto	Unidade	Média *
Banana Prata	Caixa 18 kg	14,60
Banana Nanica	Caixa 18 kg	11,30
Bezerro desmamado Mestiço	Cabeça	349,78
Bezerra desmamada Mestiça	Cabeça	338,45
Bezerro desmamado Nelore	Cabeça	446,13
Bezerra desmamada Nelore	Cabeça	358,88
Boi	Arroba	74,56
Vaca	Arroba	62,93
Café Arábica tipo 6 bebida dura	Saca 60 kg	256,50
Feijão Carioca	Saca 60 kg	106,67
Feijão Preto	Saca 60 kg	111,44
Milho	Saca 60 kg	23,78

(*) Regiões de Almenara, Divinópolis, Gov. Valadares, Lavras, Montes Claros e Viçosa. Os valores referem-se à última semana de Março/2009

Elaboração: Ciagro/Asmec/Emater-MG

PREÇOS MAIS COMUNS NA CEASAMINAS (BH)

Produto	Unidade	Preço (R\$)	Produto	Unidade	Preço (R\$)
Abacate	20 kg	15,00	Laranja	20 kg	17,00
Abacaxi	dz	26,00	Limão Tahiti	20 kg	6,00
Abobrinha-italiana	18 kg	18,00	Maçã	18 kg	31,00
Abobrinha-menina	18 kg	22,00	Mamão Formosa	18 kg	30,00
Abóbora Moganga	15 kg	13,00	Mamão Havaí	8 kg	20,00
Alface	dz	7,00	Mandioca	22 kg	14,00
Alho brasileiro	10 kg	38,00	Mandioquinha	22 kg	28,00
Banana Nanica	18 kg	16,00	Manga	6 kg	15,00
Banana Prata	18 kg	23,00	Maracujá	14 kg	22,00
Batata	50 kg	65,00	Melancia	kg	0,65
Batata-doce	22 kg	23,00	Melão	13 kg	20,00
Berinjela	12 kg	10,00	Milho Verde	25 kg	13,00
Beterraba	22 kg	35,00	Moranga	25 kg	16,00
Brócolo	dz	20,00	Morango	1,5 kg	8,00
Cebola	20 kg	16,00	Ovo de granja	30 dz	53,00
Cenoura	22 kg	25,00	Pepino	21 kg	10,00
Chuchu	22 kg	10,00	Pera	20 kg	65,00
Coco verde	dz	2,00	Pimentão	10 kg	10,00
Couve	dz	5,00	Quiabo	14 kg	45,00
Couve-flor	06 unid.	15,00	Repolho	25 kg	8,00
Espinafre	dz	18,00	Tangerina Ponkan	15 kg	16,60
Goiaba	2,5 kg	5,00	Tomate	22 kg	25,00
Inhame	20 kg	16,00	Uva Itália	6 kg	20,00
Jiló	16 kg	18,00	Vagem	13 kg	25,00

Data: 03.04.2009. Fonte: Ceasaminas - Elaboração: Ciagro/Asmec/Emater-MG